

EDUCAÇÃO SEXUAL ENTRE PARES POR MEIO DO MODELO “ADOLESCENTES MULTIPLICADORES”: ESTUDOS BRASILEIROS

Milena Calgaro¹

Samuel Andrade de Oliveira²

Samantha Larissa Torres³

Cynthia Borges de Moura⁴

RESUMO: A educação sexual entre pares consiste em uma metodologia utilizada em todo o mundo para pautar os direitos sexuais e reprodutivos entre adolescentes e jovens. **Objetivo:** Devido à relevância da metodologia, este estudo revisou a literatura sobre programas brasileiros de educação sexual que utilizaram o modelo de educação sexual entre pares denominado “Multiplicador Adolescente” publicado pelo Ministério da Saúde em 2000. **Metodologia:** Realizada pesquisa bibliográfica com os descritores: *multiplicador adolescente*, *multiplicador* e *multiplicador sexual* nas seguintes bases de dados: Portal de Pesquisa da CAPES, Lilacs, Scielo, BVS-Saúde, BVS-Psi e Google Acadêmico, de 2000 a 2013. **Resultados:** Foram encontrados quatro artigos que descreviam e/ou avaliavam experiências de educação sexual a partir do modelo “Multiplicador Adolescente”. Observou-se nos artigos, que cada contexto adaptou estratégias propostas pelo Manual do Multiplicador Adolescente e, portanto não houve padronização nas ações desenvolvidas, nem consistência na avaliação realizada. **Conclusão:** Desde sua publicação, o número de estudos a partir do manual não foi expressivo. Talvez isso não signifique baixa implementação da estratégia no contexto educacional brasileiro, uma vez que o manual aponta diretrizes para a prática, e não para a pesquisa. A sistematização do modelo permitiria avaliar os efeitos de seus componentes e produziria conhecimento relevante na área.

¹ Enfermeira graduada pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná. e-mail: milena.calgaro@gmail.com

² Enfermeiro, Bacharel e Licenciado, Bolsista do Grupo de Pesquisa em Saúde Coletiva em Enfermagem, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Foz Do Iguaçu, Paraná, Brasil, e-mail: enf.samuelandrade@gmail.com

³ Acadêmica do 5º ano do curso de enfermagem da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. e-mail: samantha-larissa@hotmail.com

⁴ Psicóloga, Doutora em Psicologia Clínica, docente do Curso de Enfermagem da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Campus Foz do Iguaçu.

Palavras-chave: Multiplicador adolescente; Multiplicador sexual; Educação entre pares.

Abstract: The sex education peer consists of a method Sex education peer consists of a methodology used worldwide to steer sexual and reproductive rights among adolescents and young people. **Objective:** Due to the relevance of the methodology, this study reviewed the literature on Brazilian sex education programs that used the model of peer sex education called “Multiplier Adolescents” published by the Ministry of Health in 2000. **Methodology:** Conducted literature search with the descriptors: teen multiplier, multiplier and sexual multiplier in the following databases: Research Portal CAPES, Lilacs, SciELO, BVS - Health, BVS - Psi and Google Scholar, 2000-2013. **Results:** four articles that described and/or evaluated experiences of sex education from the model “Multiplier Teenager” found. It was noted in the articles, each context adapted strategies proposed by the Multiplier Teenager Manual and therefore there was no standardization in the developed actions or consistency in the assessment. **Conclusion:** Since its publication, the number of studies from the manual was not significant. Maybe this does not mean low implementation of the strategy in the Brazilian educational context, since the manual indicates guidelines for practice, not for research. The systematization of the model would evaluate the effects of its components and produce relevant knowledge in the area.

KEYWORDS: Teen multiplier; Sexual multiplier; Peer education.

Introdução

Adolescência é o período de transição entre a infância e a vida adulta, caracterizado pelos impulsos do desenvolvimento físico, mental, emocional, sexual e social e pelos esforços do indivíduo em alcançar os objetivos relacionados às expectativas culturais da sociedade em que vive (TANNER, 1962). A adolescência se inicia com as mudanças corporais da puberdade e termina quando o indivíduo consolida seu crescimento e sua personalidade, obtendo progressivamente sua independência econômica, além da integração em seu grupo social. Os limites cronológicos da adolescência são definidos pela Organização Mundial da Saúde (OMS) entre 10 e 19 anos de idade.

Ressaltamos que Camargo (2007) afirma que a

EDUCAÇÃO SEXUAL ENTRE PARES POR MEIO DO MODELO “ADOLESCENTES MULTIPLICADORES”: ESTUDOS BRASILEIROS

adolescência é uma fase da vida onde o indivíduo encontra-se em situação de aprendizagem, estando mais aberto que os adultos à adoção de novos comportamentos, o que justifica a pessoa com menos de vinte anos ser considerada parte de um público prioritário para a educação para a saúde².

Só a partir do início deste século a adolescência se tornou objeto de estudos científicos contínuos, que progrediram do enfoque restrito do despertar da genitalidade para o estudo de estruturas mentais, esclarecendo a construção do pensamento formal, a formação de valores e a inserção do jovem no mundo social do adulto através dos grupos e dos pares (ABERASTURY; KNOBEL, 2000).

Souza (2000) nos lembra de que a sexualidade faz parte da vida e está ligada ao desenvolvimento global do indivíduo, constituindo um dos elementos da personalidade. De alguma forma, os relacionamentos, o equilíbrio emocional e a manifestação de sentimentos do indivíduo dependem de uma boa evolução da sexualidade, durante as etapas da infância à adolescência.

Apontamos que Biancon (2005) em uma primeira análise verifica que a sexualidade humana figura como um dos temas mais inquietantes e, quase sempre, mais evitados no âmbito da comunidade escolar. Entretanto, a escola é a cada momento convocada a enfrentar as transformações sociais e o impacto dessas mudanças sobre os padrões de comportamento humano, no que tange à sexualidade. A função de um processo educativo em saúde é, sem dúvidas, preparar o homem para a preservação de seu bem-estar biopsicossocial.

Falar de um processo educativo é refletir sobre mudanças de atitude; assim, ao desenvolver educação em saúde com adolescentes, o educador atua diretamente sobre os conceitos individuais de bem-estar e cria um ambiente de reflexão sobre os estilos de vida de cada um (BRASIL, 1997).

Contudo, conforme afirma Goldberg (1998), podemos dizer que educação sexual é um caminho para preparar o educando para viver a sexualidade de forma positiva, saudável e feliz e, sobretudo, para formá-lo como cidadão consciente, crítico e engajado nas transformações de todas as questões sociais, ligadas direta ou indiretamente à sexualidade.

A partir dos anos 90, a demanda por trabalhos na área da sexualidade nas escolas aumentou devido à preocupação dos

educadores com a alta incidência de gravidez na adolescência e o crescimento preocupante dos índices de contaminação do vírus HIV. E se no início houve resistência por parte dos pais quanto à abordagem destas questões no âmbito escolar, atualmente observa-se que eles "... reivindicam a orientação sexual nas escolas, pois reconhecem não só sua importância para crianças e jovens, como também a dificuldade de falar abertamente sobre esse assunto em casa" (BRASIL, 1998).

A educação sexual na escola está fortemente ligada ao campo das ciências biológicas. Este dado, de suma importância, não é em si uma grande novidade, pois a vinculação da educação sexual às aulas de Ciências já foi apontada – e criticada – por outras pesquisas (MEYER, 1998; ROSISTOLATO, 2003; CASTRO; ABRAMOVAY; SILVA, 2004).

Barroso e Bruschini (1990) apontam o fato de muitas escolas focalizarem programas excessivamente biologizantes ou preventivos. E chamam a atenção para a formação destes professores de forma a instrumentalizá-los na condução de atividades mais dinâmicas que venham de encontro das necessidades de seus alunos. Esta formação deve ser contínua e presente no dia-a-dia da escola.

Nos modelos de capacitação, a orientação participante é um pré-requisito básico para o trabalho em saúde. Para eles a capacitação das crianças e jovens para o trabalho educativo pode ser vista como uma reação à perspectiva predominante dos adultos. Na educação entre pares, crianças e jovens são vistos como parceiros, ou seja, como capazes de representarem a si próprios, tomarem decisões em relação à sua saúde e participarem no trabalho de cuidar da sua saúde e da saúde da comunidade (HAGQUIST; STARRIN, 1999).

Segundo Ayres *et al.* (2003), o interesse de alunos de se tornarem multiplicadores na perspectiva das estratégias de prevenção das DST/AIDS pode ser uma forma de desenvolver mecanismos de minimização dessa problemática na adolescência.

Costa (1999) completa dizendo que por meio desse tipo de ação, o adolescente adquire e amplia seu repertório interativo, o que aumenta, assim, sua capacidade de interferir de forma ativa e construtiva em seu contexto escolar e sociocomunitário, ocasião em que ele se torna o ator principal no processo de seu desenvolvimento.

EDUCAÇÃO SEXUAL ENTRE PARES POR MEIO DO MODELO “ADOLESCENTES MULTIPLICADORES”: ESTUDOS BRASILEIROS

Portanto, a formação de multiplicadores para atuarem na comunidade escolar visa garantir o fluxo constante de informações atualizadas sobre HIV/AIDS, assim como criar e manter espaços que favoreçam a análise crítica e reflexiva dos temas relacionados à AIDS. O papel do multiplicador é ampliar a discussão da AIDS para todos os segmentos da escola no desenvolvimento de atividades tais como capacitações, debates, vídeos e palestras. Ele se torna uma referência, inclusive diante de situações críticas que envolvam pessoas que vivem com HIV na comunidade escolar (ASSOCIAÇÃO PARA PREVENÇÃO E TRATAMENTO DA AIDS, 1994).

Este artigo tem como objetivo revisar a literatura sobre programas brasileiros de educação sexual que utilizaram o modelo “Multiplicador Adolescente” publicado pelo Ministério da Saúde em 2000. Decorridos treze anos da publicação original, quer-se saber quantos estudos derivaram deste modelo que podem apoiar a efetividade desta proposta.

Método

Realizou-se levantamento bibliográfico com os seguintes descritores: *multiplicador adolescente*, *multiplicador* e *multiplicador sexual* nas seguintes bases de dados: Portal de Pesquisa da CAPES, Lilacs, Scielo, BVS-saúde, BVS-Psi e Google Acadêmico, abrangendo a produção dos últimos 13 anos (2000 a 2013). Todos os artigos que continham tais descritores foram revisados, sendo selecionados para análise apenas os que fizessem clara alusão ao uso do Manual do Multiplicador Adolescente para nortear as ações descritas e/ou avaliadas.

Resultados

Foram encontrados quatro artigos que descreviam e/ou avaliavam experiências de educação sexual a partir do modelo “Multiplicador Adolescente”. Em função do número reduzido de estudos encontrados, cada um deles foi analisado individualmente quanto aos seguintes aspectos: 1) forma de capacitação dos multiplicadores adolescentes; 2) temas do treinamento e das ações dos multiplicadores junto aos pares; 3) relação multiplicador-alunos; 4) emprego das estratégias

propostas pelo Manual do Ministério da Saúde; 5) avaliação do programa implementado e resultados, ao quais estão apresentados abaixo em ordem cronológica.

Estudo 1: “Adolescência e AIDS: avaliação de uma experiência de educação preventiva entre pares” de Ayres, Freitas, Santos, Saletti Filho e França Júnior (2003).

O objetivo deste trabalho foi elaborar e avaliar a efetividade de uma estratégia de educação preventiva entre pares no ambiente escolar, com vistas à redução da vulnerabilidade ao HIV/AIDS.

1. Forma de capacitação dos multiplicadores adolescentes: Participaram do projeto cerca de vinte adolescentes de uma escola estadual na periferia de São Paulo, que foram capacitados através de oficinas semanais.

2. Temas do treinamento e das ações dos multiplicadores junto aos pares: Adolescência, sexualidade, AIDS, DST, contracepção, gravidez, drogas, cidadania, relações de gênero, discriminação, estigma e a própria noção de vulnerabilidade.

3. Relação multiplicador-alunos: 1 multiplicador para cada 55 alunos.

4. Emprego das estratégias propostas pelo Manual do Ministério da Saúde: Após a capacitação, em períodos pré-determinados, os multiplicadores foram às salas de aula e conduziram oficinas com seus pares. Além dessas tarefas, desenvolveram atividades como gincanas, feiras científicas e artísticas, mapeamento de equipamentos de saúde na região e eventos extramuros.

5. Avaliação do programa implementado e resultados: Para avaliar a atuação dos multiplicadores e os efeitos do projeto aplicou-se um questionário aos 1125 alunos do ensino médio com questões fechadas e abertas. Também, foram realizadas entrevistas com os multiplicadores para auto avaliação. Aproximadamente 18% disse não confiar nos multiplicadores por estes não manterem sigilo sobre o que é discutido, e a falta de seriedade nas discussões. 50% dos alunos citaram como maior ganho com as oficinas, a oportunidade de discutir sobre os temas trabalhados. 94% consideraram a multiplicação “um bom jeito de conversar”. Uma parcela de cerca 24% dos alunos disse não se sentir à vontade durante as

EDUCAÇÃO SEXUAL ENTRE PARES POR MEIO DO MODELO “ADOLESCENTES MULTIPLICADORES”: ESTUDOS BRASILEIROS

oficinas. Em relação ao questionamento sobre se gostariam de serem multiplicadores, 48% disse não saber. Sobretudo, 57% dos alunos disse preferir que alunos da própria escola tratassem dos assuntos nas salas de aula.

Na auto avaliação dos multiplicadores, ficou clara a diversidade de perfis, a busca pessoal por informação, a facilidade de comunicação ou a busca por ela, a importância da veiculação de informações. Percebeu-se uma constante contradição entre a imagem ideal de multiplicador – aquele que instrui e esclarece, e a efetiva criação de espaços de discussão, de trocas entre iguais.

O trabalho mostrou-se positivamente avaliado pela grande maioria, que defendeu a condução das atividades de prevenção na escola por outros jovens. Um importante resultado apontado por este trabalho foi a formação de uma rede informal de comunicação organizada em torno dos multiplicadores na escola e com efeitos que se estenderam para além dela.

Estudo 2: “Pontos positivos e negativos observados em uma experiência prática com pares educativos em prevenção de AIDS numa escola secundária em São Paulo, Brasil” de Strazza, Massad e Carvalho (2008).

O objetivo deste estudo foi avaliar o processo de implantação de pares educativos como programa de prevenção em uma escola modelo da periferia de São Paulo, com alunos de ensino médio, no período de 2003 a 2004.

1. Forma de capacitação dos multiplicadores adolescentes: Participaram quatro pares formados por oito alunos (quatro de cada sexo) e quatro professores (três mulheres e um homem) que os auxiliavam durante as oficinas. Os multiplicadores foram capacitados a partir de oficinas e reuniões mensais.

2. Temas do treinamento e das ações dos multiplicadores junto aos pares: Abordaram-se temas como: DST/AIDS, diversidade sexual, gravidez na adolescência e drogas.

3. Relação multiplicador-alunos: 1 multiplicador para cada 15 alunos.

4. Emprego das estratégias propostas pelo Manual do Ministério da Saúde: Os pares educativos executaram quatro oficinas onde foram trabalhados temas como gênero e sexo

seguro com os alunos divididos em quatro salas de aula (duas com meninas e duas com meninos). As oficinas foram inspiradas em técnicas como da “pedagogia do oprimido” de Freire, com proposta de educação dialógica; no trabalho de Pichon, que utiliza técnicas de psicodrama e técnicas de educação/intervenção nas experiências brasileiras. Utilizou-se atividades como gincanas desportivas, maquetes, peças de teatro, exposição de trabalhos realizados por grupos de alunos. Além disso, os grupos educacionais deveriam analisar problemas e criar soluções, sendo que as oficinas terminavam com a demonstração do uso correto da camisinha.

5. Avaliação do programa implementado e resultados: Um questionário com questões relacionadas à HIV/AIDS foi aplicado aos alunos do terceiro ano do Ensino Médio matutino da escola. Com relação à pergunta, você sabe como a aids se transmite? 86% (98) disse saber. Sobre o risco individual de pegar aids, 41% (42) disse não ter; e 38% (39) disse ser pequeno. Com relação ao tipo de parceria sexual, 52% (27) disse ter parceiros regulares. Sobre a postura frente às palestras sobre aids na escola, 69% (78) dos alunos responderam que acompanhavam com atenção e ninguém se manifestou dizendo ser um assunto chato. Quando perguntados se já haviam feito sexo com alguém que sabidamente tivesse AIDS, obteve-se uma resposta positiva. Quanto à preferência pelo melhor “par educativo”, 62% (71) disse ser o aluno. Solicitou-se a explicação da escolha, e assim teve-se, “Os professores explicam muito bem, mas eu vou ficar com os alunos porque eu acho que com eles a gente tem mais liberdade... Eles falam a nossa linguagem”. Problemas encontrados nesta escola como a gravidez, conversar com os pais sobre sexualidade e sobre drogas, não foram discutidos pelos alunos em nenhuma oficina.

Este estudo mostrou que a metodologia de pares educativos, comprovadamente aceita no exterior (EBREO; PRICE; SIEWE; ZIMMERMAN, 2002), é uma estratégia que deve ser explorada também no Brasil com profissionais de saúde e diretores de escolas, sendo que o mais importante é assumir com responsabilidade um programa para a mudança do comportamento de risco. E a escola, além de ter papel importante na formação de cidadania do jovem, não pode omitir-se na construção de novos valores.

EDUCAÇÃO SEXUAL ENTRE PARES POR MEIO DO MODELO “ADOLESCENTES MULTIPLICADORES”: ESTUDOS BRASILEIROS

Estudo 3: “Jovens multiplicadores de um programa de prevenção de DST/AIDS no estado do Rio de Janeiro: Uma análise da experiência da educação entre pares” de Rosa (2010).

O objetivo deste estudo foi analisar o perfil e as motivações dos jovens multiplicadores para participar de um programa de prevenção às DST/AIDS.

1. Forma de capacitação dos multiplicadores adolescentes: Participaram do projeto nove jovens que participaram do Programa de Prevenção em DST/AIDS da cidade do Rio de Janeiro no período de 2006 a 2007. Os alunos foram capacitados através de mini cursos com duração de três dias consecutivos.

2. Temas do treinamento e das ações dos multiplicadores junto aos pares: Saúde sexual e reprodutiva, gravidez, camisinha, DST e AIDS.

3. Relação multiplicador-alunos: 1 multiplicador para cada 333 alunos.

4. Emprego das estratégias propostas pelo Manual do Ministério da Saúde: Os multiplicadores realizavam oficinas nas salas de aula semanalmente, às vezes guiadas por eles, outras por profissionais da saúde. O Programa abrangeu cerca de 3000 alunos com as oficinas.

5. Avaliação do programa implementado e resultados: Foram realizadas entrevistas com o grupo de jovens multiplicadores e se observou que a interação do grupo é muito importante para o desenvolvimento das oficinas, pois, muitos jovens buscaram participar do projeto devido ao incentivo de amigos que já participavam. Relataram como pontos positivos, o aprendizado durante a participação no projeto, a linguagem diferenciada dirigida aos jovens e percepção dos riscos; como pontos negativos, a falta de estrutura, baixo número de multiplicadores, tempo disponível e contato entre os participantes. Como sugestões de melhorias, os multiplicadores, citaram captar novos participantes, utilizar atividades divertidas para desenvolver os temas.

A autora do trabalho ressalta que não se pode generalizar os resultados deste estudo para todos os jovens brasileiros, no entanto, seus achados podem indicar caminhos no planejamento futuro de ações em saúde dirigidas a este público no contexto escolar. Ressalta ainda que estudos futuros deveriam investigar os efeitos dessas estratégias incluindo a visão dos

estudantes multiplicadores, de seus familiares e dos profissionais das áreas de educação e saúde envolvidos no programa.

Estudo 4: “Rádio e educação: contribuindo para a formação de agentes multiplicadores de informações na prevenção das dst/aids” de Silva, Azevedo da Silva, Magalhães e Gonçalves (2012).

Este estudo teve o objetivo de discutir as questões relativas às doenças sexualmente transmissíveis (DST).

1. Forma de capacitação dos multiplicadores adolescentes: Participaram do projeto cinco alunos de uma escola no município de Manaus - AM. Estes participaram de minicursos e oficinas ministradas por um enfermeiro e um professor.

2. Temas do treinamento e das ações dos multiplicadores junto aos pares: O treinamento abordou temas relacionados à educação sexual, gênero e sexo seguro.

3. Relação multiplicador-alunos: Não especifica o número de multiplicadores e alunos participantes.

4. Emprego das estratégias propostas pelo Manual do Ministério da Saúde: Todas as salas de aulas foram contempladas com oficinas e após cada trabalho, um tema foi abordado em forma de palestra, com um momento para questionamentos e comentários. Também disponibilizaram folhetos explicativos e produziram pequenos textos que foram gravados no estúdio da rádio escola e veiculados durante a troca de professor e no recreio. Estes áudios também foram disponibilizados pela internet.

5. Avaliação do programa implementado e resultados: não há nenhuma forma de avaliação de efetividade do projeto descrita no estudo. Os autores apenas afirmam que as atividades realizadas proporcionaram aos alunos oportunidades de posicionarem suas ideias, dialogarem sobre as temáticas, compartilharem experiências e contribuir para que a escola juntamente com toda a comunidade escolar discutisse sobre temas de saúde com destaque para a prevenção das DST/AIDS. A utilização do rádio como ferramenta interativa se mostrou um recurso tecnológico que potencializou as relações e a comunicação entre toda a comunidade escolar.

Discussão e Conclusão

O Manual do Multiplicador Adolescente foi desenvolvido para proporcionar aos educadores ferramentas metodológicas básicas para o desenvolvimento de programas de capacitação de monitores adolescentes em atividades educativas de prevenção às DST/AIDS. O material propõe dinâmicas que utilizam como metodologia a educação por pares, por meio de trocas de experiências, vivências, conhecimentos e atitudes. Procura-se identificar o saber que cada adolescente traz para, a partir disso, introduzir ou aumentar a percepção de risco e orientar a adoção de práticas seguras (BRASIL, 2000).

De forma geral, o processo de capacitação proposto pelo manual visa modificar positivamente atitudes de cada participante através da sua própria percepção. Para isso, sugere desenvolver um processo de teorização a partir da prática, como um processo sistemático, ordenado, progressivo, no ritmo dos participantes, permitindo que eles consigam se aprofundar gradativamente, de acordo com o nível de avanço do grupo. Em relação às técnicas, propõe metodologias de discussão e reflexão coletivas, que permitam socializar o conhecimento individual de modo a potencializar o conhecimento de todos.

Percebe-se, que desde a publicação do Manual do Multiplicador Adolescente pelo Ministério da Saúde em 2000, três anos se passaram até que o primeiro estudo utilizando o modelo fosse publicado (Ayres *et al.*, 2003), e depois mais cinco anos até o segundo estudo (Strazza, Massad e Carvalho, 2008). A baixa produção de estudos pode não refletir uma baixa implementação da estratégia no contexto educacional brasileiro, uma vez que o Manual aponta diretrizes para a prática, e não para a pesquisa. Portanto, a pouca produção pode refletir apenas que não se publicou estudos sobre a implementação e/ou avaliação do modelo Multiplicador Adolescente.

Entre os artigos publicados se nota que, cada contexto adaptou as estratégias propostas pelo Manual do Multiplicador Adolescente, contudo, não se observa uma padronização nas ações desenvolvidas pelos projetos. Também não há consenso sobre a forma de avaliação da efetividade dos programas na prevenção a que se propõe.

Conforme os dados encontrados sobre a relação

multiplicador-aluno, verificou-se grande variação na quantidade de alunos para cada multiplicador (de 1:14 até 1:333), sendo que um dos estudos não descreve este dado. O Manual do Multiplicador Adolescente é omissivo quanto ao número ideal de alunos por multiplicador.

De acordo com os dados encontrados sobre a capacitação dos multiplicadores adolescentes, percebe-se que todos foram capacitados através de oficinas e minicursos, sendo que a metade capacitou seus multiplicadores com o auxílio de profissionais da saúde. O Manual do Multiplicador Adolescente também não refere tempo, profissional e/ou forma ideal de capacitação dos multiplicadores.

Ayres *et al.* (2003) e Strazza, Massad e Carvalho (2008) descrevem em seus estudos que os multiplicadores foram capacitados por meio de oficinas educativas. Rosa (2010) refere que em seu projeto os jovens multiplicadores foram capacitados por profissionais da saúde através de minicursos com duração de três dias consecutivos. No estudo de Silva *et al.* (2012), os multiplicadores foram capacitados através de minicursos e oficinas ministradas por um enfermeiro e um professor.

Os conteúdos abordados nos projetos descritos foram os mesmos trabalhados tanto nas capacitações dos multiplicadores quanto nas escolas através dos adolescentes multiplicadores. Entre os dados encontrados, percebe-se que os conteúdos possuem semelhança entre si, sendo discutidos principalmente temas relacionados à saúde sexual e reprodutiva, como uso da camisinha, gravidez na adolescência e prevenção de DST e AIDS. Um tema comum entre a metade dos estudos foi “drogas”.

Nos estudos de Strazza, Massad e Carvalho (2008) e Rosa (2010) foram abordados temas como: DST/AIDS, diversidade sexual, gravidez na adolescência, camisinha e drogas. Ayres *et al.* (2003) abordou temáticas diversas como adolescência, sexualidade, AIDS, DST, contracepção, gravidez, drogas, cidadania, relações de gênero, discriminação, estigma e a própria noção de vulnerabilidade. O estudo de Silva *et al.* (2012) não é específico quanto aos temas abordados, porém, foram trabalhados temas relacionados à prevenção das DST/AIDS.

Em relação às estratégias utilizadas pelos multiplicadores adolescentes no repasse das informações aos pares, os estudos de forma unânime descrevem a utilização de oficinas. Metade relata a utilização de gincanas como estratégia educativa, além

EDUCAÇÃO SEXUAL ENTRE PARES POR MEIO DO MODELO “ADOLESCENTES MULTIPLICADORES”: ESTUDOS BRASILEIROS

do desenvolvimento das atividades diversificadas. Ainda, metade dos estudos aponta frequência semanal de realização das oficinas. O Manual do multiplicador, não sugere frequência para a realização das atividades.

No estudo de Ayres *et al.* (2003) consta que os multiplicadores adolescentes foram às salas de aula e conduziram oficinas com seus pares, além de desenvolver atividades como gincanas, feiras científicas e artísticas. Strazza, Massad e Carvalho (2008) descrevem que os multiplicadores atuaram através de pares em oficinas onde os temas foram trabalhados através de técnicas de psicodrama, além disso, desenvolveram atividades como gincanas desportivas, maquetes, peças de teatro, exposição de trabalhos realizados por grupos de alunos. Sendo que as oficinas terminavam com a demonstração do uso correto da camisinha. Rosa (2010) e Silva *et al.* (2012) relatam que os conteúdos eram transmitidos nas salas de aula semanalmente, porém, no estudo de Rosa (2010) consta que as oficinas às vezes eram guiadas pelos multiplicadores, outras por profissionais da saúde. Já no estudo de Silva *et al.* (2012), as oficinas e palestras guiadas pelos multiplicadores possuíam momentos para questionamentos, comentários e disponibilização de folhetos explicativos. Os adolescentes produziram textos e os gravaram no estúdio da rádio escola e foram veiculados durante a troca de professor, no recreio e pela internet.

Ao analisar a existência e a forma de avaliação dos programas desenvolvidos, percebeu-se que um dos quatro estudos não aplicou nenhuma forma de avaliação dos programas; outro realizou entrevista com os multiplicadores sobre o programa. Os outros dois estudos aplicaram questionário aos alunos contemplados com as oficinas nas escolas, sendo que um realizou a auto-avaliação dos multiplicadores adolescentes.

No estudo de Ayres *et al.* (2003), aplicou-se um questionário aos alunos para a avaliação da atuação dos multiplicadores e dos efeitos do projeto na escola. Também foi realizada entrevista com os multiplicadores para auto-avaliação. Em relação ao estudo de Strazza, Massad e Carvalho (2008) a avaliação das atividades foi realizada através da aplicação de um questionário sobre o perfil dos alunos, do conhecimento adquirido através das oficinas e sobre a opinião destes quanto aos multiplicadores. Rosa (2010) em seu estudo, não elaborou

nenhuma forma de avaliação do projeto, porém foram realizadas entrevistas com o grupo de jovens multiplicadores sobre o desenvolvimento das oficinas realizadas. Quanto ao estudo de Silva *et al.* (2012), não há nenhuma forma de avaliação de efetividade do projeto descrita no estudo.

Conclui-se, que apesar da relevância dos temas, ainda é pequena a discussão em torno das ações propostas pelo Manual do Multiplicador Adolescente com vistas a sistematização dos programas que permitam avaliar os efeitos de seus componentes. A baixa produção científica desde sua criação (2000) aponta para a necessidade de conscientização por parte dos pesquisadores da área em executar a avaliação de programas em andamento, e disseminar os conhecimentos a cerca dessas experiências com outros educadores e/ou pesquisadores. A sistematização das ações permitiria avaliar se esta modalidade educativa realmente produz os efeitos esperados sobre a mudança do comportamento sexual dos adolescentes. E se não, quais alterações no programa seriam necessárias para o alcance da efetividade do modelo.

Referências Bibliográficas

ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. Adolescência Normal. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

ASSOCIAÇÃO PARA PREVENÇÃO E TRATAMENTO DA AIDS. Como falar de Aids nas escolas: manual de implementação de projetos de prevenção à Aids. São Paulo, 1994.

AYRES, J.R.C.M.; FREITAS, A.C.; SANTOS, M.A.S.; SALETTI FILHO, H.C.; FRANÇA JUNIOR, I. Adolescência e aids: avaliação de uma experiência de educação preventiva entre pares. Interface – comunicação, saúde, educação. v. 12, 2003, p.p 113-128.

BARROSO, C.; BRUSCHINI, C. Sexo e Juventude: como discutir a sexualidade em casa e na escola. São Paulo: Cortez, 1990.

BIANCON, M.L. A educação sexual na escola e as tendências da prática pedagógica dos professores. Dissertação de Mestrado em Ensino de Ciências e Educação Matemática. Universidade Estadual de Londrina, 2005.

BRASIL. Ministério da Educação e Desporto. Secretaria de Ensino Fun-

EDUCAÇÃO SEXUAL ENTRE PARES POR MEIO DO MODELO “ADOLESCENTES MULTIPLICADORES”: ESTUDOS BRASILEIROS

damental. Parâmetros curriculares nacionais para o ensino fundamental. Brasília, 1997.

BRASIL. Ministério da Saúde. Coordenação Nacional de DST e Aids Manual do multiplicador: adolescente/ Ministério da Saúde, Coordenação Nacional de DST e Aids. Brasília: Ministério da Saúde, 2000. 160p.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais. Brasília: MECSEF, 1998.

CAMARGO, B.V. Aids, sexualidade e atitudes de adolescentes sobre proteção contra o HIV. Revista de Saúde Pública, 2007.

CASTRO, M.G.; ABRAMOVAY, M.; SILVA, L.B. Juventude e sexualidade. Brasília: UNESCO, Mec, Coordenação Nacional de DST/ Aids, Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. Instituto Airton Senna, 2004.

COSTA, A.C.G. O adolescente como protagonista. In: SCHOR, M.S.T.; MOTA, V.C. Cadernos juventude, saúde e desenvolvimento. Brasília: Ministério da Saúde, 1999.

EBREO, A.; PRICE, S.F.; SIEWE, Y.; ZIMMERMAN, R.S. Effects of peer education on the peer educators in a school-based HIV prevention program: where should peer education research go from here?. Health Education Behavior. v.4, 2002, p.p 411-423.

GOLDBERG, M.A.A. Educação sexual: uma proposta, um desafio. 4ed. São Paulo: Cortez, 1998.

HAGQUIST, C.; STARRIN, B. Health education in schools – from information to empowerment models. Health Promotion International, 1999.

MEYER, D. Saúde e sexualidade na escola. Porto Alegre: Mediação, 1998.

ROSA, R.F.C. Jovens multiplicadores de um programa de prevenção de dst/aids no estado do Rio de Janeiro: uma análise da experiência da educação entre pares. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Instituto Oswaldo Cruz, 2010.

ROSISTOLATO, R.P.R. Sexualidade e escola: uma análise de implantação de políticas públicas de orientação sexual. Dissertação de Mestrado em Sociologia e Antropologia. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2003.

SILVA, E.F.G.; AZEVEDO DA SILVA, S.; MAGALHÃES, C.E.R.; GONÇALVES, C.B. Rádio e educação: contribuindo para a formação de agentes multiplicadores de informações na prevenção das DST/Aids. 2º Simpósio em Educação em Ciências na Amazônia e VII Seminário de Ensino de Ciências na Amazônia 2012. Amazonas: Manaus. Disponível em <http://secam-uea.webnode.com/products/secam-2012/>

SOUZA, R.P. Sexualidade - Riscos - Escola. In: MORAIS, S.C.A.; PASSOS, M.R.L.; KALIL, R.S. Sexualidade humana. Rio de Janeiro: Revinter, 2000.

STRAZZA, L.; MASSAD, E.; CARVALHO, H.B. Pontos positivos e negativos observados em uma experiência prática com pares educativos em prevenção de aids numa escola secundária em São Paulo, Brasil. São Paulo: Saúde, Ética & Justiça. v. 2, n. 4, 2008, p.p 51-59.

TANNER, J.M. Growth at Adolescence. 2ed. Oxford: Blackwell, 1962.

Recebido em: 18/03/2014 - Aceito em: 05/05/2014